BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUÊS

DIRIGIDA POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

N.° 1

LISBOA IMPRENSA NACIONAL M CM XX

BOLETIM

DE

ETNOGRAFIA

ADVERTENCIA PRELIMINAR

CONSTANDO o Museu Etnologico de duas secções principais, Arqueologia e Etnografia, e tendo ele, já desde 1895, como orgão d'aquela *O Archeologo Português,* terá agora como orgão da segunda secção o presente *Boletim,* que porém não se circunscreverá nas cousas possuidas pelo Museu, mas tomará mais largo ambito, como *O Archeologo* faz.

Os assuntos tratados no *Boletim* serão freqüentemente analogos ou iguais aos que se tratam n-*O Archeologo,* só com diferença de epocas, visto que a Arqueologia é em muitos casos Etnografia do passado, e a Etnografia, no que toca ao estudo (Ergografia, Ergologia) dos objectos materiais que provêm da tradição, é, por assim dizer, Arqueologia do presente.

Museu de Belem, dia de Ano Bom de 1919.

J. Leite de Vasconcellos.

Aprestos de costura

A molher portuguesa d'outr'ora recatava-se muito mais que a moderna. De certo que amava e casava, como hoje; mas os amores eram mais serios, e o casamento mais consentaneo ao intuito, e por isso mais solido. A sua vida passava-se principalmente em casa, no cuidado do arranjo d'esta e da familia.

Do ideal de uma dona do sec. XIII diz o trovador D. Fernam Garcia Esgaravunha:

> .. sabe bem fiar e bem tecer,
> e talha mui bem bragas e camisa,
> .. lava bem e faz bõas queijadas,
> e sabe bem moer e amassar,
> e sabe muito de bõa leiteira,

no *Cancioneiro* de Colocci-Brancuti[1]. Esta dona moía provavelmente em um moinho de mão, como o que ainda hoje se usa pelas aldeias da Beira, no Algarve, etc., menos complicado que a atafoua ou zanguizarra. A roca a exalta um adagio: *não ha casa forte, onde a roca não anda*[2], e o tear o ennobrece outro: *mais vale magro*

[1] N.º 384 (= 1511). Cfr. tambem D. Carolina Michaëlis, *Randglossen*, I, 6.

A proposito do *Cancioneiro* de Colocci-Brancuti convem perguntar porque é que, estando ele agora (1919) á venda em Roma, por ter falecido o seu último possuidor, o D.^or^ Ernesto Monaci, o nosso Govêrno o não adquire para um arquivo, biblioteca ou museu. Outros Governos, ao que me consta, estão dispostos a licitá-lo, se nós o deixarmos ir.

Não poderá sair dos cofres publicos uma quantia para a compra de um grande monumento da nossa literatura medieval?

A não o adquirirmos, não só aquelas nações onde ás cousas literarias e scientificas se concede mais importancia do que em Portugal, se rirão de nós, por nos privarmos da posse de um inestimavel tesouro, mas os nossos proprios vindouros nos aousarão de lh'o não legarmos.

Póde acaso hoje parecer custoso comprar por uns tantos milhares de escudos um manuscrito; contudo, d'aqui a seculos, ninguem pensará no valor pecuniario (que, seja qual for, é minimo para um estado), e só se dirá com amargura: *os Portugueses do século* XX *perderam a ocasião de praticar um acto eminentemente patriotico e louvavel, qual o de dotar o seu patrimonio literario com uma preciosidade unica!*

Quem quiser conhecer qual a importancia do codice ou manuscrito de que estou falando leia D. Carolina Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, tomo II, p. 19 e seguintes.

[2] Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «roca».

no tear, que gordo no monturo[1]. Que regalo de vida doméstica, tal como a compreendiam os nossos avós do seculo de quinhentos, não se adivinha da leitura dos *Contos e historias* de Fernandez Trancoso! No *Tableau de Lisbonne en 1796* lê-se que é principalmente nas janelas que as molheres lisboetas aparecem, e poucas na rua[2]. Ainda por 1870 e tantos raras vezes se via no Porto uma senhora fóra de casa em dias de semana.

Agora, nas duas capitais, e noutras terras importantes que as macaqueiam, as senhoras, tanto casadas, como solteiras, que não têm obrigações quotidianas que as prendam, passam grande tracto de tempo na pastelaria, na loja de modas, ou a mostrarem-se nos passeios. Os filhinhos ou os irmãozinhos ficam entregues ás amas. Que importa cuidar da casa? Elas tambem possuem direitos que o *feminismo* lhes outorga, ainda que uma escritora francesa, muito famosa, do sec. XIV–XV, Cristina de Pisan, que sem razão julgam alguns campeadora de feminismo, escreveu:«Femmes ont l'entendement, certes, mais pour l'honnesteté où elles sont enclines; ce ne seroit pas chose convenable que elles se alaissent monstrer en jugement aussi bauldement que les hommes»,—ao que uma comentadora, nossa contemporanea, acrescentou, com justa firmeza de criterio: «Christine, invoquant l'*honnesteté*, c'est-à-dire la convenance, pour empêcher la femme de paraître en public et la retenir discrètement dans le cercle familial, est bien de son temps, et cinq siècles en retard sur les *suffragettes*. Aussi je ne vois pas, pour ma part, comment on pourrait l'enrôler sous la bannière du féminisme sans outrer ou dénaturer la portée de ses opinions»[3].

As senhoras não só, como digo, se evidenciam desarvoradamente por toda a parte, mas andam trajadas de modo bastante descomposto: já não me refiro aos arrebiques[4], usados desde sempre[5], e desde sempre criticados, por produzirem fealdade no rosto, e fazerem

---

[1] Idem, *ibid.*, s. v. «tear». Isto é: mais vale tea modesta, que porco gordo.

[2] P. 78 sgs.

[3] Vid. *Le Livre des Trois vertus et son milieu*, por Mathilde Laigle, Paris 1912, p. 122.

[4] *Arrebique* (*arrabique*, ou *rebique*) significa propriamente «postura ou côr artificial, com que as molheres pintão o rosto» (*Diccionario* da Academia).

[5] Ovidio, por exemplo, escreveu, entre outras obras congeneres, uma sobre cosmeticos, que ficou incompleta, e sem titulo, ainda que de ordinario se lhe chama *Medicamina faciei*. Nos vv. 51–52 diz o Poeta á dama romana: *disce.. || candida quo possint ora nitere modo.*

dano á pele [1]: refiro-me á exposição do peito nu, tão descoberto, que ás vezes a vista dos transeuntes penetra misterios que lhe deviam ficar inacessiveis; refiro-me ao modo como os braços saem de entre rendas e cambraias, despidos por inteiro; refiro-me, emfim, à curteza do vestido e respectivas saias, ostentada com verdadeiro desassombro de impudicicia. São modas! Parece porém que devia fazer-lhes reacção o bom senso, e a castidade, que é a qualidade mais preçada na molher, e algo superior á formosura, ás prendas manuais, ao luxo, á riqueza.. Pondera o mesmo Ovidio, que ha pouco citei em nota:

> Prima sit vobis morum tutella, puellae:
> Ingenio facies conciliante placet [2],

e o nosso Garção:

> .. Todos sabem
> Que o valor não consiste nos vestidos,
> Antes seguem as modas.. [3]

Não haverá pais, irmãos, maridos, que olhem com reflexão para tanto desregramento que se desencadeia em volta d'eles? Fica-se a pensar como serão as gèrações que hão-de vir d'essas inconscientes, embora risonhas, escravas da tesoura de Paris!

Estou falando de Etnografia, não devo ir mais longe em considerações analogas, para não entrar os umbrais da Etica [4]. Ainda assim, bem se entende que falo no geral.

Na cidade podem encontrar-se, e felizmente encontram-se com freqüência, esposas, mães e meninas dignissimas, que condizem de modo muito exacto com o quadro poetico em que Luis de Campos

---

[1] Diz Juvenal:

> Intolerabilius nihil est quam femina dives.
> Interea foeda aspectu ridendaque multo
> Pane tumet facies aut pinguia Poppaeana
> Spirat, et hinc miseri viscantur labra mariti:

nas *Satiras*, VI, 460 sgs.

Em tempos muito mais proximos de nós fala António Gomes d'Oliveyra, *Idylios maritimos y rimas varias*, Lisboa 1617, fl. 37 sgs., de uma dama que, sendo formosa, estragavá o rosto com pinturas.

[2] *Medicamina faciei*, vv. 43–44.

[3] *Obras Poeticas*, Lisboa 1778, p. 150.

[4] Não é por falta de zumbaias que as ridiculas e incóngruas modas de que a cima falo desfiguram a sociedade: dramaturgos, caricaturistas, jornalistas, moralistas, todos de consum lhes pôem ferrete; mas em vão!

as pintou[1]; é, todavia, na aldeia que sobretudo devemos buscá-las. Aí a depravação civilizada não chegou ainda tanto. Aí existe, mais que algures, a *molher de bom recado*[2], *que enche a casa até o telhado*[3]. A aldeã, quando a familia, a cozinha, o forno ou o campo a não chamam, ocupa-se do ordinario em trabalhos que se relacionam com o vestuario, isto é, com a fiação, a meia, a costura. De tudo isso oferece a nossa Etnografia documentos curiosissimos, já a folklorica, já a ergografica ou tecnografica. Vou aqui indicar alguns que se referem a costura. Todos provêm do Alentejo, e se guardam no Museu Etnologico, em Belem.

I. «Costura» de cortiça

As molheres, quando costuram, têm as agulhas, linhas, tesoura, dedal, etc., em um recipiente que recebe na lingoa comum o nome de *açafate,* pronunciado popularmente *çafate.* O *Diccionario* da nossa Academia define *açafate:* «cestinho tecido de verga, de tres ou qua-

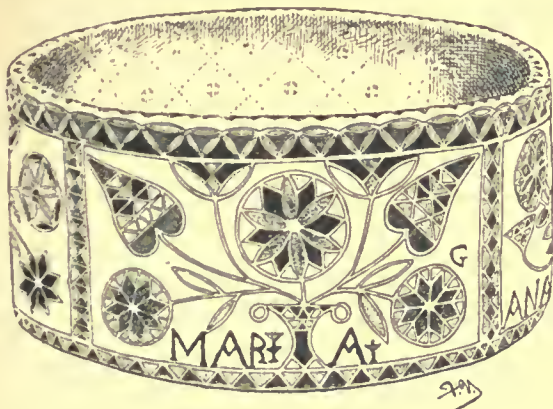



Fig. 1

tro dedos de altura, sem arco, nem asas, e ordinariamente serve para trazer a costura, roupa e cousas semelhantes». Pelo que tange á costura, acrescentarei que o referido recipiente póde não só ser de vêrga (de *vimem* na Beira; de vime, de *frexo,* de *saice,* de *jambujo* no Algarve; etc.), mas de cortiça. No primeiro caso dão-lhes vários nomes, além do de *açafate* ou *çafate* (Sabugal, Mondim da Beira): *cacifro*

---

[1] Apud *Parnaso Portuguez Moderno,* de Theophilo Braga, Lisboa 1877, pp. 152-153. A poesia intitula-se mesmo: «Esposa, filha e mãe».

[2] Ou *de bom recato.*

[3] Roland, *Adagios,* 1.ª ed., p. 241.

ou *gigo de costura* (Tarouca), *cesto da costura* ou *balaio* (Alportel[1]), *cesta da costura* ou *de costura* (Avis, Loulé, Albufeira[2]) e simplesmente *costura* (Beja, Santiago do Cacem, Mexilhoeira[3]). Quando o recipiente é de cortiça, ouvi só dar-lhe este último nome, isto é, *costura* (Estremoz). Tambem póde ter aplicação de recipiente de costura uma caixinha de madeira, e neste caso chama-se *caixa de costura* (Setubal, etc.). Recipiente mais apurado (com repartições para os objectos), porém não popular, é o *estojo da costura* (Lisboa, etc.).

Vou aqui falar de uma *costura* de Santa Vitoria (Estremoz).

É de cortiça, e como se patenteia do desenho (fig. 1[4]), tem fórma cilindrica: altura 0m,123; diâmetro 0m,25. Excepto o fundo, que é liso, e o interior, que é forrado de papel pintado, toda a superficie externa, ou parede, está coberta de gravuras. O desenho do bôrdo consiste apenas em linhas, que formam zigue-zague. O desenho da parede, se planificarmos esta, vêremos que consta de quatro secções, separadas horizontalmente por linhas, e verticalmente por tiras, ou fitas, formadas da adjunção de losangos, dispostos uns sôbre os outros, e tambem entre linhas. Além d'isso ha duas cercaduras em toda a volta da caixa: uma inferior, igual á do bôrdo; outra superior, formada de triangulos.

Uma das secções temo-la belamente desenhada diante de nós: um vaso de flores estilizadas, duas d'elas cordiformes (digo que são flores, e não folhas, por causa da disposição, e de se figurarem folhas verdadeiras noutros lugares, provídas de peciolos); ao lado do vaso, tanto de um lado como do outro, o nome da possuidora, isto é, MARI-A; no campo G, inicial do sobrenome ou do apelido.

As secções restantes contêm outros vasos de flores estilizadas, não faltando tambem flores cordiformes. Numa das secções lê-se: ANACLETO JOSÉ, provavelmente o nome do artista; noutro «1888», data, como creio, da feitura.

O artista revestiu de côr vermelha, preta e azul todas as gravuras; em alguns lugares talhou a cortiça, e do amago d'esta resultou côr branca.

---

[1] Serve tambem para ter cousas de comida: o pão que vai á mesa, figos da merenda, da sobremesa ou de dar a alguma visita que chega, etc.

[2] É curioso que em Avis ouvi dizer o *cesta da costura* (parece que a terminação de *cesto* foi atraida pela de *costura*).

[3] Na Mexilhoeira a *costura* ou é redonda, ou sôbre o comprido; lisa ou pintada. Ha recipientes ou *canastrinhas* semelhantes, para conterem fruta que vai à mesa.

[4] Desenho de Francisco Valença.

2. Fôrmas de dobar

As linhas que se dobam nestas fôrmas são para fazer cordões. Estão aqui diante duas fôrmas de buxo, representadas nas figs. 2 e 3 [1], e ambas provenientes do Ameixial de Estremoz (têm no livro das entradas os n.os 6058 e 6059). Altura 0m,11.

A posição é a da fig. 3 (dois lados), com as duas pontas voltadas para cima, como já se disse na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 420–421, onde se figurou uma de Fronteira. A fôrma representada na fig. 2 (dois lados) disponho-a invertida, porque o artista assim a imaginou, para representar nela, como se nota do desenho, um ser humano estilizado.

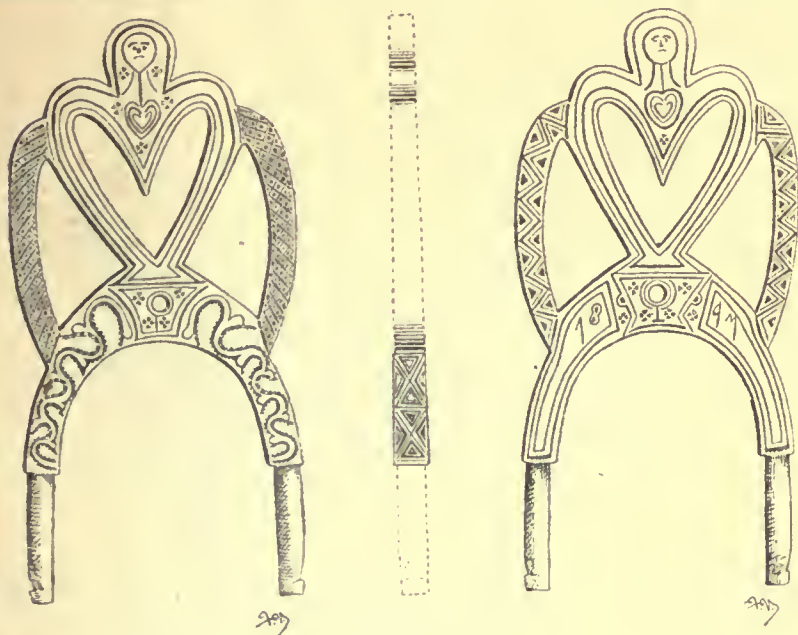



Fig. 2, ao invés (dois lados)

Num dos lados da fig. 3 temos, segundo parece, um vaso como decoração principal, rodeado de ornatos tirados do reino vegetal, ramos e simples folhas, e outros de fantasia, para encher espaço. No lado oposto temos tambem, como parece, um vaso (especie de calix), acompanhado de folhas, flores e outros ornatos de fantasia. Tudo isto é gravado.

A fig. 2 representa no seu conjunto, como disse, um ser hu-

[1] Desenhos de Francisco Valença.

mano: este é do sexo feminino, com o peito de fórma de coração, cintura delicada, e os braços arqueados para a parte superior e lateral da coxa. Do pescoço pende um fio que segura uma medalha, tambem cordiforme, uso muito vulgar nas molheres. A disposição das extremidades da fôrma dão a ilusão de que a molher tem as saias arregaçadas e muito conchegadas ás pernas (como acontece em certos trabalhos campestres do Alentejo). A fôrma está ornamentada dos dois lados, e em todo o bôrdo, até o joelho: gravura feita ao de leve, estando ao mesmo tempo pintadas as linhas da gravura (côr

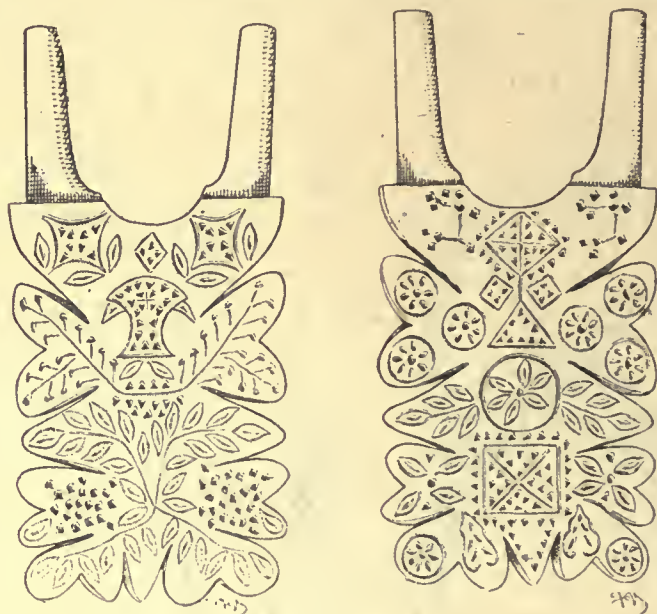



Fig. 3 (dois lados)

vermelha, azul e verde). Os ornatos são de fantasia, pela maior parte geometricos. Num dos lados representou-se a data da feitura, isto é «1897», com dois dos algarismos na parte superior de uma das coxas, e os restantes dois na outra.

3. Furador

Na fig. 4[1], temos um furador de madeira (comprimento $0^{m},125$), que se aplica para fazer *ilhós*. A parte que serve propriamente para a operação é de secção circular, e está aguçada no extremo. O cabo está esculturado de varios feitios. Este objecto veio de Fronteira.

---

[1] Desenho de Ruy Sedas Pacheco, Ex-Preparador do Museu Etnologico.

Em algumas terras do Minho usa-se para rasgar o *folhelho* do milho um instrumento igual, tambem de pau e artistico, chamado «esfolhador» (vid. adiante, p. 33).

Fig. 4

Os tres objectos que ficam descritos acima devem-se á habilidade de pastores alentejanos. Já a respeito da arte pastoril eu disse algumas palavras n-*O Arch. Port.*, XVII, 288, nota, e XIX, 300 sgs., e bem assim na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 221 sgs. Do uso do «coração», como tema de arte popular, falei na mesma revista, XIX, 399.

J. L. de V.

Leiteiro e carapuças da Madeira

O S.or Emanuel Ribeiro, habil Professor da Escola Industrial de Xabregas, esteve ha tempos na ilha da Madeira, e, como preza

Fig. 5

muito a Arte e a Etnografia, tomou lá alguns desenhos e fotografias, que me ofereceu, de cousas etnograficas.

Na fig. 5 publíco a fotografia de um leiteiro, que leva na cabeça a tradicional e caracteristica carapuça.

Fig. 6 Fig. 7 Fig. 8

As figs. 6 a 8 reproduzem tres desenhos de fórmas da mesma carapuça, que é cobertura geral de *vilões* e *vilôas:* uma das fórmas usa-se em dias de festa, as outras em tempo ordinario.

J. L. DE V.

Louça do Algarve

Em companhia de Guilherme Gameiro, Desenhador, que foi, do Museu Etnologico, hoje falecido, fiz em 1904 uma excursão pelo

Fig. 9 Fig. 10

Algarve. Na aldeia de Bensafrim desenhou ele tres vasilhas de barro, que vão indicadas com os n.os 9, 10 e 11.

O n.º 9 é o famoso «cantaro de Loulé»; o n.º 10 uma «infusa» ou «bilha»; o n.º 11 um «barril».

Acêrca da louça de Loulé, diz o S.or Charles Lepierre: «*Loulé* é o centro mais importante para a louça comum: existem aí umas

25 pequenas oficinas.. *Os telheiros* de Loulé são muito antigos, trabalhando neles os proprios donos, pais, filhos, etc.; o pessoal é muito rotineiro .. Ainda assim a louça de Loulé é a mais apurada do

Fig. 11

Algarve, e, pelas peças que tenho, posso dizer que é talvez das melhores louças comuns do país. As fórmas das louças, ainda que elementares, não deixam de ter alguma elegancia; podem-se citar aí os *cantaros* muito altos, de duas asas, de bôca estreita, e esguios»[1].

J. L. de V.

Adelino das Neves

No estudo da poesia e musica populares portuguesas desempenhou certo papel Adelino Antonio das Neves e Mello (Filho)[2]: e por isso entendo que posso falar d'ele no *Boletim*, e juntamente publicar o seu retrato. Pois que no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio & Aranha não so lê a respeito de Adelino das Neves quasi nada, apesar de este haver escrito várias obras, e pois que não me consta que haja alguma biografia d'ele, aproveito a ocasião para ampliar o meu artigo um pouco além dos limites que bastariam para uma notícia de caracter meramente etnografico[3].

---

[1] *Cerâmica portuguesa moderna*, 2.ª ed., Lisboa 1912, p. 74.

[2] Era assim que ele escrevia, isto é: *Filho*, em vez de *Junior*.

[3] As minhas fontes são: as obras de Adelino (umas que possuo, outras que consultei fóra da minha livraria); informações que me deu de viva voz a Ex.ma Viuva; uns apontamentos autobiograficos (incompletos) de Adelino, que a mesma Ex.ma Viuva me ofereceu. O retrato obtive-o d'esta senhora, por intermedio do S.or Candido Augusto Nazareth, de Coimbra, antes de eu a conhecer pessoalmente.

O nosso autor nasceu em 6 de Maio de 1846 em pleno mar, pelas alturas da ilha de Santa Helena, a bórdo d'um navio português que da China trazia para o reino a mãe e o pai. Este chamava-se Adelino Antonio das Neves e Melo, casado com D. Domingas Carneiro de Melo (natural de Manilha: Filipinas), e exercia ao tempo o cargo de fisico-mor em Macau, depois de o ter exercido na India. Era filho do D.or Antonio José das Neves e Mello, Lente de Filosofia na Universidade de Coimbra, e Director do Museu Botanico [1]. Além de medico, o pai do nosso biografado gostava de coleccionar cousas antigas e curiosidades. Oficialmente, a patria de Adelino Junior está na freguesia de S. Quintino, perto de Lisboa (Sobral de Mont'Agraço), porque nela se bàtizou. Deu motivo a isso o ter aí uma quinta seu tio por afinidade o D.or Antonio Ribeiro da Costa Holtreman, que lhe foi padrinho.

Regressados a Portugal, os pais de Adelino estabeleceram-se em Coimbra, aos Arcos de S. Bento, onde seus antepassados tinham vivido. No tempo proprio começaram a dar ao filho educação literaria. Em 1860 concluiu Adelino os preparatorios liceais, e entrando logo para a Universidade, ficou formado em Direito em 1865, na idade de 19 anos. Em 1872 casou em Lisboa com a Ex.ma Senhora D. Felicia Leite Velho, que aí vivia [2]. Póde cronologicamente ser aqui mencionado que Adelino das Neves conviveu com Camilo Castelo Branco, quando este esteve em Coimbra, em 1875. As relações entre os dois datavam de epoca anterior a 1875, mas tornaram-se agora mais intensas, como o proprio Adelino diz nos *Senilia*, Pará 1899, p. 11, — obra de que adiante tornarei a falar —, e como se patenteia de cartas que o grande romancista dirigiu ao seu amigo [3].

Em 1878 foi Adelino das Neves nomeado Comissario da policia de Coimbra, cargo então criado; serviu até 1879, em que pediu a demissão, por quéda do ministerio, mas tornou a exercer as funções de 1881 a 1886, em que novamente se demitiu, indo viver para uma quinta que tinha ao pé de Coimbra. A tal proposito, diz-lhe Camilo numa carta, do que se transcreve um trecho nos apontamentos autobiograficos:

---

[1] Vid. a sua biografia n-*A Nação* de 23 de Agosto de 1870 (artigo de F. A. Rodrigues de Gusmão).

[2] Originaria de Trás-os-Montes. Foi seu pai o B.el Bernardo Teixeira de Morais Velho, do Mogadouro, que exerceu a advocacia no Brasil.

[3] Algumas d'elas foram publicadas pelo D.or J. M. Teixeira de Carvalho in *A Galera*, 1914, n.º 2, e 1915, n.º 4, e por Manoel Cardoso Marta, *Cartas de Camillo*, Rio-de-Janeiro & Lisboa, 1918, p. 2, onde o editor pouco diz de Adelino.

«Não sei se deva dar-lhe os parabens por se eximir de capita»near a policia da volteira e turbulenta Coimbra. Acho que sim, e que »devo dar-lh'os muitos sinceros, e adcinja-se, quanto possa, á felici»dade quieta e monotona da familia. Ahi tem de portas a dentro »duas formas do paraiso que o céu dos christãos de certo lhe não »dará mais perfeito: esposa e filho. Entre elles irá serenamente »caminho da outra existencia, que eu lho concedo por hypothese; »se porem se metter muito nos tremedaes da vida interior, terá muitas »occasiões de arrependimento, e raras de satisfação».

Com o exercicio da função de Comissario de policia se relaciona um facto que muito o honra. Tendo-se declarado incendio na parte superior d'um predio em cujas baixas havia uma oficina de fogueteiro, Adelino Neves, acompanhado do seu Amanuense Cesar da Rocha, abalançou-se a entrar nela, e removeu de lá, já em meio de fumo e de ardentes chispas, um caixote que continha tres arrobas de polvora — e assim evitou uma explosão, de fatais conseqüencias. Por isso os dois foram galardoados com a medalha de «filantropia, merito e generosidade».

Em 1886 fez uma viagem a França para se instruir, a qual viagem, segundo ele diz nos citados apontamentos, influiu bastante no plano da sua vida. Resolvendo dedicar-se á vida diplomatica, por o não atrairem as subtilezas do fôro, foi sucessivamente nosso Consul em Zanzibar (1889), Demerara (Guiana Inglesa), Pará, e Rio Grande do Sul. Em 1904 voltou de licença ao reino, para a quinta de Coimbra. Por esse tempo começou a sofrer da vista, vindo depois a cegar. Em 1906 mudou a residencia para Lisboa, e cá faleceu, de repente, em 1912, de sincope cardiaca, no dia dos anos da esposa, senhora dotada de grandes virtudes, que foi sempre sua desveladissima companheira em todos os lances da vida: em Coimbra, nas viagens, nas peregrinações, e nos ultimos e amargos dias.

Creio que deixo mencionadas as principais datas da vida particular e pública de Adelino Neves. Passarei agora a tratar das obras que publicou, ás quais adicionarei uma notícia de alguns ineditos.

As obras impressas são dez, que vou indicar pela ordem dos tempos:

1. *Musicas e Canções Populares*, colligidas da tradição. Lisboa 1872; 241 páginas. Esta obra, a que servem de epigrafe os versos de Tomás Ribeiro,

> Quem quer prazer suave e amor divino
> feche na mansa aldeia o seu destino,

e que Adelino dedicou a sua espôsa, encerra, depois de breve *Advertencia*, cinco grupos de cantigas: 1.º, de Coimbra; 2.º, do Minho; 3.º, de Trás-os-Montes; 4.º, dos Açores; 5.º, *cantigas do berço*. Muitas das cantigas vêm acompanhadas de musicas. Quando Adelino das Neves estudava em Coimbra, costumava passar as ferias (o que fez até ao 4.º ano) em Penha Longa (concelho do Marco de Canaveses) com seu tio o Dr. Adriano das Neves e Mello, antigo Lente de Teologia da Universidade, que ali era Abade[1]. Ao contacto com a gente da aldeia, que no Entre-Douro-e-Minho suaviza constantemente o trabalho rural com cantorias, e nos dias de festa dança e toca, mais talvez que nenhum outro povo de Portugal, ganhou Adelino Neves gôsto da musica do povo e da literatura oral, e pensou em organizar uma obra sôbre o assunto. Assim apareceu o livro cujo titulo a cima copiei. O proprio autor diz na advertencia preliminar: «Este cancioneiro não é mais do que um singelo ramo de flores silvestres colhidas ao acaso pelo campo». Para o livro concorreram tambem estudantes e amigos do autor: levavam-lhe cantigas das respectivas terras, e Adelino escolhia e aproveitava as que lhe convinham. Devo porém observar que cinco anos antes do aparecimento das *Musicas e Canções*, isto é, em 1867, havia Theophilo Braga publicado o *Cancioneiro Popular*: é pois natural que Adelino bebesse aqui a sua primeira inspiração para o estudo do *Folk-Lore*. Que Neves conhecia o mencionado trabalho de Theophilo Braga, o confessa no já citado opusculo *Senilia*, p. 31, ao referir-se á acção de Garrett na colheita da poesia popular (cf. adiante, § 11). Já nos meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 303, eu disse que a colecção de Adelino das Neves era geralmente fiel. Se o trazer a lume canções populares não constituia novidade, como acabamos de ver, constituia-o a publicação de musicas. Nunca ninguem até então no nosso país se lembrara de atender a este ramo da estetica popular, apesar da riqueza d'ele; só muitos anos depois tornou a atender-se a isto, e escassamente. Vê-se portanto com que discernimento Adelino das Neves iniciou a sua carreira literaria. É de lamentar que não persistisse nos estudos folkloricos. Espirito activo, mas pouco desejoso de se fixar fortemente num ponto, o que acontece com freqüencia entre os Portugueses, preferiu divagar por outros campos, como adiante veremos. Apenas no que toca á poesia popular, pensou Neves em fazer 2.ª edição do seu livro, para o que redigiu, entre 1872 e 1889, um prologo, que existe manuscrito,

[1] Morreu de repente, em 1864, quando Adelino andava no 4.º ano de Direito; legou a este metade dos bens que possuia.

o que a Ex.^ma^ Viuva espontaneamente me ofereceu[1]. No que toca a outros ramos da Etnografia, ou portuguesa ou de fóra, espalhou observações várias por outras obras que escreveu (vid. adiante, §§ 7, 8 e 9).

2. *Crenças religiosas e sociais.* Coimbra 1875 (folheto).

3. *Estudo sôbre o regimen penitenciario e a sua applicação em Portugal.* Coimbra 1880. Volume de 142 páginas, dedicado a «Antonio Rodrigues Pinto». Diz Neves, na dedicatoria, que apesar da repugnancia que tinha ao fôro, ainda chegou a achar gôsto num estudo de direito criminal: e assim nasceu este livro.

4. *O estudo da historia, segundo os processos scientificos de Henry Thomas Buckle.* Coimbra 1882.

5. *As formigas.* Coimbra 1883. Conferencia feita no Instituto de Coimbra. O folheto é *separata* do jornal d'esta associação.

6. Em 1884 realizou-se em Coimbra uma exposição distrital, que deu motivo a uma conferencia feita pelo D.^or^ Augusto Felipe Simões acêrca da Esculturа coimbrã do sec. xvi. Como porém o conferente se suicidasse, sem deixar redigida a conferencia para o prelo, Adelino das Neves recompô-la, e ela foi publicada no volume intitulado *Exposição districtal de Coimbra em 1884,* Coimbra 1884, pp. 117–123.

7. *Apontamentos para a historia da ceramica em Coimbra.* Coimbra 1886. Este opusculo nasceu tambem da exposição de que falei no paragrafo anterior. As observações de Adelino das Neves são principalmente de caracter historico, e têm importancia não só com relação á ceramica coimbrã do sec. xiii ao xix, mas á Etnografia geral portuguesa, pois o autor menciona muitos nomes de vasilhas e medidas do sec. xvi. — Valia a pena reproduzir o opusculo, retocando o em notas.

8. *Zanzibar.* Coimbra 1896. Livro de viagem, onde o Autor, no que pertence á Etnografia, fala como se vive em Zanzibar, e traduz do suali um conto popular, adagios, e em verso uma poesia e o comêço de um poema. A pp. 139–140 alude, de passagem, á missa portuguesa *do galo* (Natal).

9. *Guyana Britanica: Demarara.* Coimbra 1896. Este trabalho contém 14 capitulos; em alguns d'eles o Autor pôs observações de Etnografia local (superstições, cantares, trajos, etc.).

---

[1] D'este prologo, em que ha uma parte que não merece imprimir-se, publicarei noutra ocasião os extractos que me parecerem dignos d'isso.

10. *Senilia*. Pará 1899. Livrinho de 105 páginas: conjunto de recordações do passado, como o proprio Autor diz no prologo. Consta de apontamentos biograficos de varios autores, e de artigos fugitivos. Entre aqueles autores contam-se Camilo (com transcrição de cartas), João de Deus, Guimarães Fonseca, etc. Os outros artigos são, por exemplo, sôbre Coimbra e o descobrimento da Madeira.

Com excepção do n.º 5, por ser de historia natural, todos os restantes trabalhos de Adelino das Neves patenteiam, mais ou menos, inclinações historicas ou etnograficas. Os mais importantes a tal respeito são os que se intitulam *Musicas e Canções* (§ 1) e *Ceramica em Coimbra* (§ 7). Embora ambos feitas sem profundeza, ninguem que trate da nossa literatura scientifica deve deixar de os lembrar com simpatia.

Adelino das Neves deixou manuscrito o seguinte, que a Ex.^ma Viuva me mostrou:

11. «*João de Deus*. Inauguração do seu retrato no Retiro Litterario Portuguez do Rio de Janeiro em 15 de Junho de 1895». Breve noticia com transcrição de poesias de João de Deus. Este artigo foi reproduzido, com algumas modificações, nos *Senilia;* aí diz Neves, na p. 29, que o escreveu estando de passagem no Rio, onde assistira á festa.—Lê-se neste artigo a respeito de Garrett: «Preparava tambem os espiritos para apreciar um genero poetico que estava completamente desprezado entre nós ou era olhado com indifferença pelos doutos: refiro-me á poesia popular, que elle colligio e reconstruio nos seus cancioneiros, salvando preciosissimas relíquias do passado, que estavam prestes a perder-se na tradição oral: mais tarde Theophilo Braga realça e desenvolve a importancia de semelhantes estudos». Transcrevi estas linhas, por elas se relacionarem com o estudo da poesia popular, objecto principal do presente artigo.

12. Um album, em cujo comêço se lê: «Adelino das Neves e Mello || *No ermo* || poesias». Grande parte do album está porém em branco: apenas existem nele dezasseis poesias, uma d'elas datada de Outubro de 1885 (Granja), e outra de 1888 (Vizela); algumas escritas no Buçaco. São versos sentimentais, de que dou aqui duas amostras (talvez as melhores):

Nunca mais

Mal eu diria,
Feliz outr'ora,
Que n'uma hora
Acabaria

Morta!

Que tristeza, meu Deus! quem julgaria,
Ao vel-a perpassar alegremente,
Que assim viesse a morte de repente
Para a roubar da nossa companhia!...

Essa alegria,
Essa ventura,
De que só dura
Na phantasia

Um leve esbôço
Desvanecido!
Hoje não posso

Tirar calor
Das frias cinzas
Do meu amor.

No pequenino leito, em que jazia,
Parecia dormir serenamente;
Nenhum terror de a ver a alma sente,
Embora esteja inanimada e fria.

E ha de assim baixar á sepultura,
E ha de em pó e cinza converter-se
Tão gentil graça e tanta formosura!...

Mas nem toda a belleza é transitoria,
Vive sempre, e jamais pode esquècer-se
A belleza do bem—sôpro de gloria.

13. Terminarei esta bibliografia, dizèndo que Adelino das Neves durante algum tempo se habituou a escrever um diário da sua vida. Segundo a Ex.^{ma} Viuva me informou, começou a escrevê lo em 1889, na volta do Zanzibar, e fórma volumes que abrangem catorze anos. Li algumas paginas, onde ha observações curiosas de acontecimentos e de pessoas.

*

Do que fica exposto conclue-se que as aptidões e os gostos de Adelino das Neves eram multiformes. Cultor da Etnografia, do Direito, da Poesia, da História Natural, da História da Arte, funcionario publico, viajante: que assunto houve para que ele não olhasse? Até era coleccionador de moluscos terrestres! Diz Teixeira de Carvalho: «De seu avô, lente de Botanica, herdara o S.or Neves e Mello a paixão pelas sciencias naturais. De seu pai, coleccionador apaixonado de pedras, livros e moveis raros, o culto da Arte» [1]. Poderei acrescentar que á formatura em Direito o levou a convizinhança da Universidade, e ao funcionalismo esta mesma formatura. Ao gôsto da Etnografia ja acima me referi. E o das viagens e o da poesia d'onde lhe vieram? O das viagens por além-mar ele proprio declara que a ida a França muito influiu na sua vida,—além da natural tendencia ambulativa ou peregrinatoria dos Portugueses, pondero eu [2]. Quanto à poesia, qual é o espirito engenhoso que não se sente poeta em Coimbra?
Assim fica explicada toda a génese psiquica do nosso autor.

J. L. de V.

---

[1] In *A Galera*, 1915, n.º 4, num artigo intitulado «Camillo em Coimbra».

[2] Disse-me uma vez num comboio de Hespanha um empregado dos caminhos de ferro hespanhois «que nunca vira quem viajasse tanto como os Portugueses; que os encontrava sempre!».—A observação é, porém, já muito antiga.

Estrelas de figos

A figueira, com quanto exista por toda a terra de Portugal, não cresce em parte alguma com tanta abundancia como no Algarve, de que constitue uma das riquezas, e onde ao mesmo tempo fórma um dos elementos mais curiosos da paisagem. O povo canta-a de Norte a Sul em variadas canções, como póde ver-se no vol. II da obra de A. Tomás Pires, n.os 3032–3046. Pelo meu lado publico a seguir duas que ouvi a uma molher algarvia:

Quem me dera[1] ser figueira,
Enxertada no valado,
Do que ser rapaz solteiro,
Empregado num soldado!

Da figueira nasce o figo,
Do figo nasce a sciencia:
Do homem nasce a maldade,
Da molher a paciencia.[2]

A primeira d'estas cantigas julgo-a inedita; a segunda é variante dos n.os 3039–3042 de Pires, e contém nos dois ultimos versos

Fig. 12

Fig. 13

um conceito de antinomia entre o homem e a molher, o qual se manifesta noutras muitas cantigas, e já aparece em folhetos de «cordel» do sec. XVIII[3], ascendendo mesmo aos *debates* da literatura medieval[4].

---

[1] Por: *Mais quisera.* Houve confusão com outros começos de cantigas.

[2] O povo pronuncia *paciença* e *sciença.*

[3] Por exemplo: *Bondade das mulheres contra a malicia dos homens,* 17.. (está roto o exemplar de que me sirvo); *Malicia dos homens contra a bondade das mulheres,* 1759; *Primeira carta apologetica em favor e defensa das mulheres,* 1759; *Segunda carta,* etc., mesma data.

[4] Dos «debates», ou *débats* medievais, diz G. Paris: «l'usage en remontait à l'antiquité et avait sans doute été perpétué par les *joculatores*» (*La littérature française,* 3.ª ed., § 110). Se aqui fosse o lugar proprio, eu poderia juntar outras notícias literarias acêrca dos *debates.*

Entre as diversas fórmas que no Algarve dão aos figos secos, escolho duas que se representam (1/2) nas figs. 12 e 13 (desenhos de Saavedra Machado), e se chamam *estrêlas de figos*. A fig. 12 é uma *estrela de quatro pontas* (tambem as ha de seis e mais), feita de dois figos grandes, que se abrem, se retalham, e se adaptam entre si, tendo-se-lhes prèviamente cortado o pé; a 13 é uma *estrela redonda*, feita de um só figo (tambem com o pé arrancado), que se corta em redor. Uma e outra estão ornamentadas de amendoas descascadas, que de mais a mais servem de raios á 2.ª estrela.

Ao sabor material dos figos agrega-se assim um pouco de sabor espiritual, proveniente da *arte* com que os prepararam.

J. L. de V.

Capote & lenço

Na fig. 14 (desenho de Saavedra Machado) representa-se uma molher de *capote & lenço*, segundo um modêlo que existe no Museu Municipal de Beja. O *capote & lenço* eram outr'ora trajo muito corrento, tanto de senhoras, como de molheres do povo, por todo o Portugal; hoje estão em decadencia, postoque já por vezes os eu observasse em Lisboa. Informam-me de que no Algarve as viuvas trazem a extremidade do lenço (preto) por baixo do cabeção, e que só as solteiras o trazem (branco) por cima, conforme o tipo da fig. 14. No sec. XIX publicaram-se várias colecções de estampas que representam trajes e tipos populares, das quais deu uma util resenha o S.or H. Ferreira Lima num opusculo intitulado *Costumes portugueses*, Lisboa 1917. Não raro aparecem á venda nos alfarrabistas estampas sôltas; possuo muitas aí adquiridas, ou oferecidas por amigos, e entre elas as seguintes: *mulher de capote e lenço*, do litografo Macphail, que exercia a sua profissão por 1840 e tantos; *mulher de capote e lenço em Lisboa*, do litografo Palhares (1.ª colecção, n.º 43: cfr. Ferreira Lima, p. 25). Ambas as litografias

Fig. 14

estão coloridas; os capotes, de côr escura, são de cabeção e gola, e cobrem o corpo até os pés, vendo-se apenas em baixo uma tira de vestido azul, num, e uma leve nesga de vestido vermelho, noutro; um dos lenços fórma ponta atrás, que fica no ar; o outro lenço vai cair para as costas; ambos são brancos, e atam-se debaixo da barba.

J. L. DE V.

Relogios de sol

Nas seguintes figuras temos representados, em pequenissima escala, relogios de sol, de pedra:

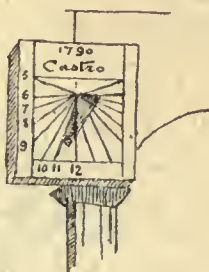



Fig. 15 Fig. 17 Fig. 16

1) O primeiro (fig. 15), encimado pela cabeça, como penso, de um «Mouro», existe na Rua Verde, em S. Gregorio (Melgaço), perto do rio Trancoso, e da ponte internacional, fixo sobre a parte anterior de um *caniço* ou «espigueiro»;

2) O segundo (fig. 16), com a fórma do busto, a que o povo chama de facto *Mouro* (como lá se lê), vê-se na Casa do Pégo, do S.or Manoel Gonçalves Ferreira, em Rates, pousado sobre uma coluna (no vertice do «capacete» do Mouro ergue-se uma cruz que atravessa um galo, tudo de ferro: catavento);

3) O terceiro (fig. 17), em que se lê a data de «1790», e a palavra *Castro*, que creio significa o apelido de quem mandou fazer a obra, está tambem sobre um espigueiro, no Minho, em local porém de que ignoro o nome.

A fig. 15 assenta em um esbôço feito por um curioso; as figs. 16 e 17 em desenhos do S.or A. Cruz, da Póvoa de Varzim.

Acêrca do relogios de sol, pertencentes ao Museu Etnologico, vid. a *Historia* d'este, p. 240; e acêrca de relogios de sol romanos e gregos vid. *De Campolide a Melrose*, p. 15.

J. L. de V.

Carrancas fontanárias

Não só o uso de carrancas fontanárias era vulgar na antiguidade classica, mas d'ele temos um exemplo entre nós, da epoca romana: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 247 (carranca de bronze, achada no Minho pelo D.or Alves Pereira, e hoje pertencente ao Museu Etnologico). Como muitos outros usos antigos, este perpetuou-se até a actualidade.

Na fig. 18 reproduz-se o desenho de uma fonte granitica de Vila do Conde, feito pelo S.or A. Cruz, da Póvoa de Varzim. Esta fonte é de caracter monumental, com aspecto de fachada de edificio, em cuja dianteira, em baixo, um tanque recebe a ágoa que costuma brotar de duas carrancas barbadas, postas a par, mas afastadas uma da outra. A fachada está ladeada de pi-

Fig. 19

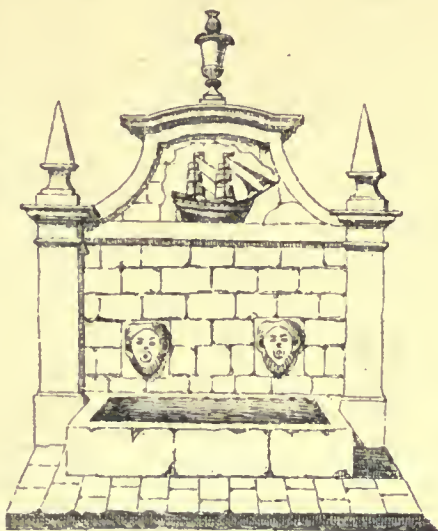



Fig. 18

lastras, em cada uma das quais se levanta uma piramide. No frontão pousa um vaso de pedra (a que noutros do mesmo genero corresponde por vezes uma cruz), e no timpano vê-se um navio — brasão de armas da vila, o que indica que foi a Camara Municipal quem mandou construir a fonte.

Nesta fonte há, como disse, duas carrancas. Em fontes mais modestas póde existir só uma, como, por exemplo, numa fonte de

S. Romão (Seia), chamada *do Caraças* (ou *do caraça?*): vid. fig. 19, segundo um desenho tomado *in loco* por um curioso. Nesta *caraça* ou carranca, que é de granito, a ágoa sai por um cachimbo metalico, posto despropositadamente, pois que por um cachimbo só deve sair fumo.

J. L. DE V.

Aldravas de ferro

Nas figs. 20 a 29 (desenhos do S.or Abel Viana, Professor oficial de Fradelos, concelho de Famalicão) temos *aldravas*, de ferro,

Fig. 20 Fig. 21 Fig. 22 Fig. 23 Fig. 24

de bater á porta. Muitas d'elas ostêntam como ornato superior uma cruz, que é originariamente destinada, como penso, a evitar que

Fig. 25 Fig. 26 Fig. 27 Fig. 28 Fig. 29

os espiritos maus entrem em casa pela entrada natural ou porta. Cruz analoga se vê nos *espelhos* das fechaduras, pela mesma razão, como já expliquei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, nota 6.

J. L. DE V.

Vasilhas de barro

Nas figs. 30 a 32 representam-se tres vasilhas de barro:

Fig. 30 Fig. 31 Fig. 32

Um *cantaro*, de $0^m,55$ de altura;
Um *pote*, de $0^m,42$ de altura, e de $0^m,29$ de diametro na boca;
Uma *infusa*, de $0^m,39$ de altura.

Desenhos de Saavedra Machado, feitos do natural em Faro (Algarve).

J. L. de V.

Habitação

I

A fig. 33 representa uma casa de Senhorim (Nelas), segundo um desenho de Saavedra Machado, feito por uma fotografia de Ful-

Fig. 34 Fig. 33

gencio Rodrigues Pereira, falecido Preparador do Museu Etnologico.

Sob o aspecto etnografico a casa só tem notavel a varanda de madeira: para ela dá um quarto de dormir, de que se vê um janêlo. As paredes são de grandes lajes de granito, rocha propria da região.

II

Por todo o Portugal as casas dos pobres são terreas. No Algarve, porém, e no Alentejo, nas aldeias, tanto pobres como ricos forram geralmente o rés-do-chão de formigão ou de tijolo, artisticamente disposto. Quando colocam o formigão (ainda fresco), assentam em cima capachos, e batem-nos com malhos de madeira (redondos), ficando impressas no chão as voltas dos capachos, como se vê na fig. 34.

Fig. 35

III

Na fig. 35 mostra-se a frontaria de um forno de Cacela (Algarve). No Sul é vulgar estarem os fornos fóra da casa, mas junto ou perto d'ela; umas vezes a bôca d'estes fica também para fóra, outras para dentro da casa.

IV

Muitas vezes á entrada da habitação ha um recinto descôberto, mas murado, que como que faz corpo com a casa, recinto que tem varios nomes confórme as provincias: *terreiro, patio*, etc. Na fig. 36 (desenho de Guilherme Gameiro, feito por um apontamento de um curioso) mostra-se um d'estes recintos, de uma casa da Granja (Baião), certamente do sec. XVIII: tem portão largo, com cruz e piramides na cornija, e parreira na frente. A cruz foi manifestamente posta para afugentar da entrada os maus espiritos. Houve aqui o mesmo intuito da cruz dos batentes figurados a p. 26. N-*O Arch. Port.*, XXII, 48, publiquei um portal de Montalegre analogo ao da Granja.—As casas de que se trata representam, do ordinario, tal ou qual nobreza ou limpeza.

Fig. 36

J. L. DE V.

Barcos de Aveiro

Reproduzem-se nas figuras seguintes varios tipos de barcos usados na costa de Aveiro:

Fig. 37

Fig. 38

Fig. 37, barco ao entrar no mar;
Fig. 38, barcos na Costa Nova;

Fig. 39, barco saleiro;
Fig. 40, bateira para pesca de sardinha e outro peixe.

Fig. 39

Fig. 40

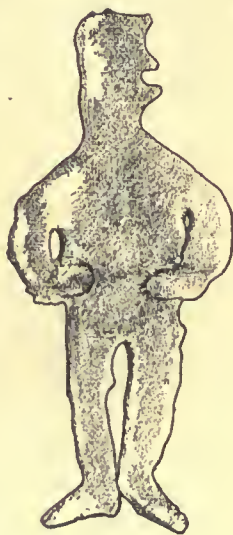
Todas as figuras assentam em fotografias que um amigo me ofereceu.

J. L. DE V.

Bôlo antropomorfico

O boneco do pão doce, representado na fig. 41, segundo desenho do S.or Francisco Valença, é do mesmo tipo dos de que falei na *Hist. do Museu*, p. 203 e nota (fig. 104 da p. 385): e vid. *O Arch. Port.*, XIX, 395–396, e a *Rev. Lusit.*, VI, 240. Pães d'estes vendem-se vulgarmente em Lisboa, nas padarias, etc. — O costume existe noutros pôntos de Portugal.

Fig. 41

Tambem na Beira comem no dia de Todos os Santos (1 de Novembro) uns pães estreitos e compridos, de trigo, chamados *santoros* (plural de *santoro*, ou *sanctoro*, de *sanctorum*), — vid. *Ensaios Ethnogr.*, II, 186 —, que são, quanto a mim, estilização de figuras zoomorficas ou antropomorficas, e representam provavelmente vestigios de sacrificios (aos mortos? pois no dia 2 comemora a Igreja *os fieis defuntos*: cf. *Rev. Lusit.*, VI, 246–247). Não faltam entre nós curiosas fórmas de pães, cada um com seu nome especial: *cacete, moléte, bôlo podre* ou *pão podre* (por oposição a simples *bôlo* ou *pão de trigo*), *semea, triga-milha, bôlo de milho, caucra, brendeiro* (de *merendeiro*), conforme a especie de cereal ou a maneira de preparo.

J. L. de V.

«Bonecas» de chaminés do Sul

Quando nas *Religiões da Lusit.*, III, 593 sgs., me ocupei de alguns vestigios do paganismo existentes entre nós, falei do costume

Fig. 42

Fig. 43

Fig. 44

de fixar na parede da chaminé, junto á lareira, uma figura chamada *boneca* em uns sitios, *frade* ou *sempre-noiva* noutros, etc., e dei desenhos a pp. 605–606 (figuras humanas, e estilizações). Este costume,

que suponho ascende ao paganismo, tenho-o observado muitas vezes no Alentejo, no Algarve e na Estremadura Transtagana; na Cistagana só o observei, que me lembre, uma vez (concelho de Cadaval); nas outras provincias creio que nunca o observei.

Nas figs. 42 a 46 reproduzem-se *frades* de cozinhas de S. Geraldo (Montemór-o-Novo), do «monte» da herdade da Comenda da Igreja (no mesmo concelho), e do «monte» da herdade do Berlongo (Alcacer do Sal); uma *boneca* de Machede (Evora, 1898); uma *sempre-noiva* de

Fig. 45

Fig. 46

Fig. 47

Cacela (Algarve): tudo feito de tijolo. Na fig. 46 reproduz-se uma *sempre-noiva*, de Cacela, ou de perto, feita de pedra, a primeira que vi d'este material. A última tem as seguintes dimensões: 0m,64 de altura, e 0m,40 de largura na base. Por aqui se avaliam *plus minus* as dimensões das outras.

J. L. DE V.

«Cegonha» de Grandola

Chama-se em algumas partes *cegonha* a um engenho de tirar ágoa de um poço, engenho e nome já provindos de epocas muito remotas, como mostrei n-*O Arch. Port.*, XXII, 9–11. Na fig. 48 reproduz-se um desenho de Saavedra Machado, feito por um apontamento do falecido Guilherme Gameiro, que o tomou em Grandola, no qual desenho se vê um homem que tira ágoa d'um poço por intermedio duma *cegonha*.

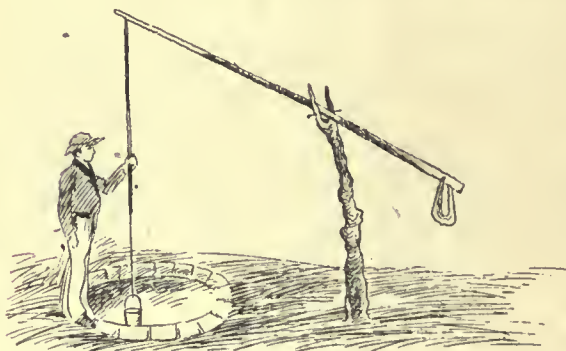



Fig. 48

Se a palavra *cegonha,* na fórma c i c o n i a, ascende, pelo menos, aos secs. VI–VII da era cristã; se os Romanos usaram engenhos como este: o que tudo consta do citado artigo d-*O Archeologo:* a fórma do poço existia já tambem entre nós na epoca romana (*O Arch. Port.,* XXIII, 130). Fórma de um *puteus* ou «poço» romano temo-lo, por exemplo, em Rich, *Dict. des antiq,* s. v. «*girgillus*».

J. L. de V.

Esfolhador

As brácteas que envolvem a espiga da maçaroca do milho (*Zea maïs* dos botanicos) têm varios nomes, conforme as terras: *carepa* (a mais interna), *camisa, folhelho, folhato, capêlo,* etc. A operação de

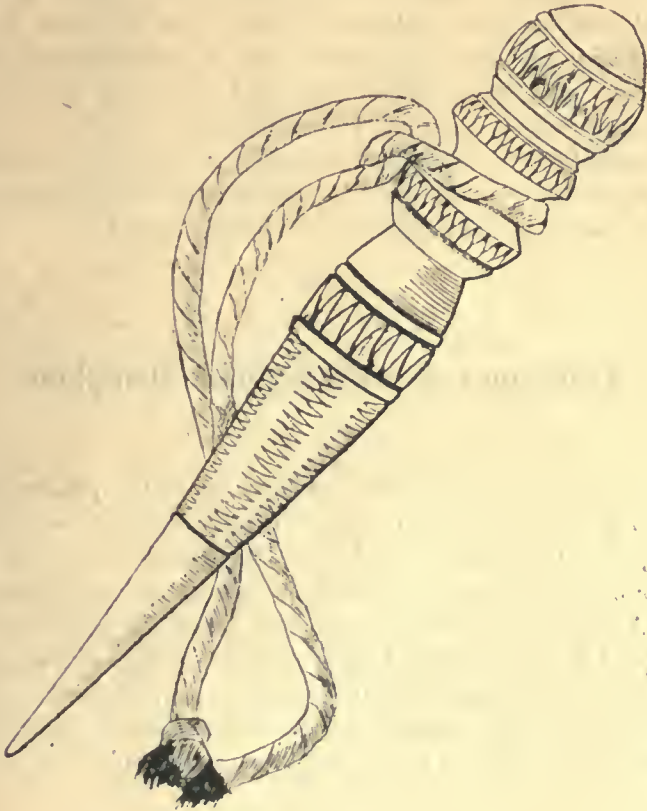



Fig. 49

as rasgar, para extrair a espiga, chama-se, tambem conforme as terras, *esfolhada* (*desfolhada*), *descamisada* (*escamisada*), *descasca, escapúla,*

e constitue por vezes grande folguedo, pois são rapazes e raparigas quem, juntos, a faz. Á alegria que então reina alude, entre outras, uma canção que ouvi no Alto-Minho:

Tomára eu que viesse
O tempo que ha-de vir:
O tempo das *esfolhadas*,
Para m'eu *adevertir!*

Não pretendo porém agora descrever uma esfolhada, só quero falar de um instrumento artistico que serve para rasgar o *folhelho*, e que se mostra de tamanho natural na figura anexa[1]: é um ponteiro de buxo, torneado. Podemos considerá-lo formado de cabo e ponta: as saliencias do cabo e a parte superior da ponta estão ornados de gravuras lineares, que formam uma espécie de zigue-zagues.

Este instrumento denomina-se *esfolhador*. Em vez d'ele serve tambem um simples prego, ou as próprias unhas de quem esfolha. O esfolhador traz junto um cordão, que se ata numa das reintrancias do cabo; nele se enfia o punho, não só para o instrumento andar seguro, mas para ficar pendente, se a pessoa que o maneja precisa de interromper o serviço que está fazendo.

O exemplar que serviu para o desenho foi oferecido, segundo um costume vulgar, por um rapaz á sua namorada. Provém do Alto-Minho (Coura), e pertence agora ao Museu Etnologico.

J. L. DE V.

Espécimes de arte popular alentejana

I

Os objectos representados nas figs. 50 e 51, que ficaram demasiado resumidos, pois o primeiro tem $0^m,19$ de comprimento, e o segundo $0^m,09$, são de madeira, e denominam-se *sovinos* de *descamisar* ou *desencamisar* as maçarocas ou espigas do milho. Usam-se no Alentejo. Ao acto de descamisar chama-se *descamisada*, que tem aqui a mesma significação que noutras regiões *esfolhada*. Ambos os objectos estão artisticamente lavrados; o primeiro deixa ver no cabo um apendice de argolas maciças, que permite ao objecto andar pendurado.—A palavra *sovino*, ainda não arquivada, que eu saiba,

---

[1] Desenho de Manoel António Madeira, Empregado do Museu Etnologico.

em dicionarios, tem tambem a fórma *sovino,* que ouvi em Ponte de Sôr: representa o masculino de *sovina,* palavra igualmente aí usada com a mesma significação.

Sovina é aportuguesamento do hesp. *sobina* «clavo de madera», que tem origem no lat. *supinus*, 3: vid. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 8462. Outra significação de *sovina,* mais proxima da hespanhola: pauzito aguçado que serve para pregar a cortiça (Grandola) — e, por extensão

Fig. 50 Fig. 51 Fig. 52 Fig. 53

de significado, para espicaçar os burros (ibid.); tem 5 a 10 centimetros de comprimento. Vid. outras acepções nos dicionarios. Em Trás-os-Montes: *sovinhas* «dois pregos de pau que servem para segurar os atafais á albarda» (*Rev. Lusit.*, v, 106, artigo de A. Moreno). *Sovinha,* por causa do *nh,* póde ter vindo directamente do lat. s u p i n a, sem intermedio do hespanhol.

II

Os objectos representados nas figs. 52 e 53 são *correntes* ou *cadeias* de relogio, de madeira, maciças; terminam em bolotas, ornamentação freqüente na nossa arte popular, principalmente na do Alentejo, como região abundante de arvores que as produzem. Imitam as *correntes* ou *cadeias* metalicas.

*

Estes quatro objectos foram feitos por pastores.

J. L. de V.

Santo Antonio numa mercearia

Na Beira e no Norte, como provincias onde a religião possue mais raizes que nas do Sul, é costume nas lojas de venda ter na parede fronteira á porta da rua um nicho de madeira com a imagem de Santo Antonio, ás vezes ladeada de jarrinhas com flores. Hoje as crenças vão-se apagando ou modificando, mas este costume observa-se ainda não raramente. A ele se fez referencia nas *Religiões da Lusitania*, III, 595–596, onde foi considerado como vestigio pagão, pois os negociantes romanos veneravam Mercurio, e havia em Bracara Augusta um *Genio do mercado*, conhecido por uma inscrição gravada num cipo.

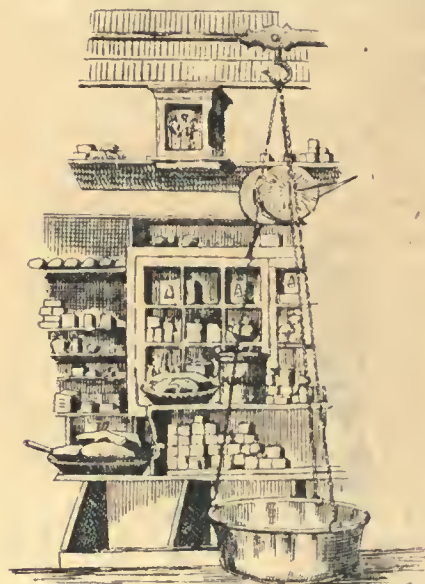



Fig. 54

Já se entende que tanto o *Genio* e Mercurio, como Santo Antonio, representavam ou representam papel de protectores do comércio.

Dá-se na fig. 54, segundo um desenho do S.or A. Cruz, da Póvoa do Varzim, um aspecto de uma mercearia d'aquela vila: lá está em cima o nicho do Santo Antonio.

J. L. de V.

Polvorinho artistico

A caça tem sido entre nós, desde sempre, e quanto o podemos saber por documentos medievais, fonte de subsistencia, e fonte de divertimento. Já n-*O Arch. Port.*, XXI, 170, juntei algumas notas, sobretudo bibliograficas, a este respeito. O mais que eu poderia dizer deixo-o para a minha *Etnografia*. Aqui só quero notar que se hoje não é muito grande o número das pessoas que vivem exclusivamente da caça, ou alimentando-se d'ela, ou fazendo d'ela industria, é infinito o das que se divertem caçando. E como o homem

nos seus instrumentos de trabalho gosta de pôr ás vezes um pouco de arte, acontece que entre os proprios caçadores da aldeia existem aprêstos venatorios que se tornam notaveis por sua beleza estetica.

Eis, por exemplo, na figura adjunta[1], um polvorinho ou *polvarinho* alentejano, feito de chifre de boi, no qual polvorinho dois artistas gravaram os mais variados desenhos.

O polvorinho, que tem de comprimento $0^{m},32$, está naturalmente dividido em duas zonas por uma faixa de $0^{m},12$ de largura, enfeitada de plumas dispostas oblíqua e paralelamente. Ambas as zonas contêm desenhos, mas a de cima só em parte, e os desenhos são aí meramente de fantasia. Na zona inferior, a par de desenhos simetricos, mas de fantasia, isto é, dificeis de definir e de precisar, ha outros em que se descobrem temas muito queridos da arte popular: florões, animais de diferentes classes (mamiferos, aves, peixes, reptis), astros, uma cruz sobre uma peanha, uma viola, uma mulher com um ramo na mão. A estampa reproduz uma parte d'estes desenhos: o «sol», represen-

Fig. 55

tado por uma rechonchuda cara cercada de raios e posta dentro d'um circulo; por baixo d'ele, sucessivamente: uma data («189..», que devia ser «1892», como consta do lado oposto: vid. infra); o reverso d'uma moeda portuguesa (acaso uma «peça»); varios desenhos cordiformes, um d'eles acompanhado da respectiva «chave». Ao lado do «sol» vê-se um Sereia, disposta ao invés. Noutra parte do polvorinho ha uma segunda Sereia, maior que a presente, na posição de quem vai nadando. A alguns dos referidos temas,—flores, moedas, coração & chave, cruz—, me referi noutros lugares: vid. *Etnografia Artistica,* I, 6-10; *O Arch. Port.*, XIX, 399; *De Campolide a Melrose,* p. 90, nota. Do coração & chave, como emblemas populares, fala tambem o D.or Claudio Basto na *Lusa,* I, 92 sgs. e 124 sgs. A Sereia é uma das poucas entidades da Mitologia popular portuguesa cujo nome, como creio, a antiguidade nos legou[2]: o povo não

[1] Desenho de Saavedra Machado.

[2] Cf.: *Religiões da Lusitania,* III, 594, onde cito um importante trabalho de Adolfo Coelho; e *Hist. do Museu Etnologico.* p. 233.

só a canta em canções[1], senão que a representa em edificios e objectos[2], e em brinquedos[3]. Para melhor se compreender como é que a mente popular concebe essa entidade, reproduz-se na fig. 55 outro desenho de Saavedra, que representa um assobio de barro colorido, dos que, pelas festas solsticiais de S. Antonio, S. João e S. Pedro, se vendem em Lisboa ao rapazio, na Praça da Figueira: o fabricante do assobio figurou aqui tambem uma Sereia (metade mulher & metade peixe), que se mostra em toda a plenitude das suas fórmas. O assobio pertence ao Museu Etnologico: vid. *Historia* do mesmo, p. 233[4]. De outros temas do polvorinho não preciso de falar em especial.

Contigua á faixa que divide o polvorinho em zonas, e inferiormente a ela, ha os seguintes dizeres, em duas linhas, de diferente tamanho: JUAUMANOEL 1892 DIA9 || JACITUARCEN̈U. As letras que dizem «DIA9» significarão «dias», estando «9» por «S». Os nomes «João Manuel» e «Jacinto Arcenio (= Arsenio) Dias»[5] devem designar as pessoas que enfeitaram o polvorinho (certamente pastores), e «1892» a data da conclusão. É a primeira vez que me ocorre um trabalho d'estes, devido a dois artistas.

J. L. DE V.

---

[1] Vid.: *Tradições pop. de Portugal*, §§ 185 e 356; e Pires, *Cantos populares*, t. I (1892), p. 249 sgs.

[2] Por exemplo: numa casa do Porto (vid. *Trad. pop. de Portugal*, já cit., § 356); em tapetes (cfr. *O Arch. Port.*, XI, 189: artigo de D. José Pessanha, com uma estampa); em ornatos de igrejas; em fontes.

[3] Costuma o povo ter um papel com várias figuras, que se dobra multiplamente, de modo que com parte d'umas figuras se completem outras, sendo cada figura acompanhada d'uma quadra. Possuo alguns d'estes papeis em que se vê, por exemplo, uma Sereia, o Sol & a Lua, Cristo crucificado, os martirios, um coração, uma chave, uma «agulha de marear», um vaso com um ramo, um castelo, uma viola, um navio, uma mulher. Estes papeis chamam-se *cartas*, e por vezes *cartas da Sereia*, e trocam-se afectuosamente entre namorados e pessoas amigas. Conheço o costume por todo o Portugal; ele contudo tem manifestamente origem culta. As mais antigas cartas que possuo são dos meados do sec. XIX, mas sei de uma, que não possuo, a qual será dos começos d'esse seculo, senão dos fins do XVIII. Ás vezes as figuras de que falo estão desenhadas numa carta propriamente dita: tenho uma carta assim. A cartas de amor com *gatimanhos*, como coração assetеado, coração levado em unhas de lião, se refere Jorge Ferreira (sec. XVI) na *Eufrosina*, III, II (ed. de Farinha, p. 181).—Acêrca do emblema do *Sol & da Lua* vid. o que escrevi n-*O Arch. Port.*, XXII, 137-138.

[4] Cf. tambem *Rev. Lusit.*, III, 82 sgs. (artigo do D.or Ferraz de Macedo).

[5] Pelo exame da disposição das palavras no polvorinho é que digo que *Dias* pertence ao segundo nome, e não, como ao repente parece, ao primeiro.

Chaminés da Estremadura e Algarve

Por mais de uma vez tenho falado de chaminés artisticas do Alentejo e Algarve: vid. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 206, onde

Fig. 57 Fig. 56 Fig. 58

faço várias referencias bibliograficas; na mesma obra, pp. 385 e 387, publiquei desenhos de algumas.

Na fig. 56 publico o de uma do Cadaval (Estremadura), feito pelo Sr. Avelino Pereira em 1918; e nas figs. 57 e 58 desenhos de chaminés de Cacela (Algarve), feitos por Saavedra Machado, segundo apontamentos de um curioso.

J. L. de V.

Costumes e panoramas do Alentejo

As estampas II e III, que assentam em fotografias que de Safira se dignou enviar-me o Ex.mo Conde do mesmo titulo, tiradas por um amador, representam o seguinte:

Est. II.—Uma *monda de sargaço,* numa *folha* de *montado d'azinho:* as azinheiras lá se erguem na parte posterior do quadro, torcidas e esguedelhadas. As raparigas da monda chamam-se *mondadeiras* (termo tambem aplicado ás que mondam o trigo): no seu trajo avulta o avental, de que fazem grande uso neste serviço. Á direita da fila das mondadeiras vê-se o *manageiro,* que vinha trazer ás raparigas água numa bilha, e ficou parado, como elas, a olhar para o fotografo,

que se entende estava adiante; no trajo do managueiro note-se o *barrete,* cuja ponta se dobra para o lado, e o *pelico;* que nesta parte do Alentejo se chama tambem *çamarra.*

Est. III. — Uma campina, estendida adiante dum compacto e ramalhudo *montado de sôbro,* e separada d'ele por um regato, em cujas margens ha choupos, e que corre num valezinho entre estes e o montado, — valezinho proprio para cultura de milho.

J. L. DE V.

Espécime português de raça negra

N-*O Archeologo,* I, 67, falei dos *Mulatos* de Alcacer do Sal, provenientes de Africa, nos quais especifiquei os seguintes caracteres, além da côr: cabelo encarapinhado, fórma platirrinica do nariz. Na ocasião em que escrevi o artigo (1895) informaram-me de que em alguns se sentia ainda o cheiro especial chamado *catinga.*

Fig. 59

Ultimamente tive ocasião de ver alguns exemplares dos mesmos Mulatos; por eu não me dedicar especialmente á Antropologia, não fiz as observações que um antropologo faria, mas notei em uma molher prognatismo muito manifesto. Eles proprios dizem que são *atravessadiços,* isto é, «mestiços», em sentido geral[1]. A côr varía: ha individuos que são, por assim dizer, palidos ou morenos, e outros muito foscos, quasi pretos. A titulo de curiosidade reproduzo na fig. 59 o retrato de um individuo de S. Romão do Sado, pertencente á raça de que estou falando: é amulatado, com as mãos mais brancas na palma, que no dorso, cabelo e barba um pouco encarapinhados, nariz largo. Os vizinhos chamavam d'antes a esta gente *Pretos do Sado* ou *Pretos de S. Romão,* porque havia lá realmente muitos Pretos. «S. Romão era uma ilha de Pretos», ouvi referir a vários Mulatos; ou: «algum tempo havia lá muito

[1] Os antropologos chamam especialmente «mestiços» aos individuos que resultam do cruzamento de Indios com Europeus ou com Pretos; vid. G. Frizzi, *Anthropologie* (colecção alemã de Göschen), p. 19. Nos *Apologos Dialogais,* p. 24, diz D. Francisco Manoel: «*mistiça,* filha de Bracmene».

Preto encarapinhado». Ainda hoje se usa *Preto* como alcunha ou apelido: Fulano *Preto,* Fulana José *Preta.* É natural que a singularidade da existencia de pessoas pretas ou mulatas e encarapinhadas entre brancas provocasse lendas como a da mencionada «ilha de Pretos», ou cantigas no gôsto da seguinte, originaria, já se vê, de brancos:

Ó Sado, ó Sado, Ó Sado, Sadete[1],	Meus olhos não virão Tanta gente preta,

cantiga cantada num «baile». Noutro «baile» alguem cantou tambem:

Ó Senhor dos Martires, Cá da Carvalheira[2]	É o pai dos Pretos De toda a Ribeira[3],

ao que outrem respondeu:

Lavrador João, Inda aqui s'tou eu:	Se ele é pai dos Pretos, Tambem o é seu.

Pouco a pouco a raça vai-se diluindo no grosso da população circunvizinha; merecia a pena estudar profundamente o assunto, e para ele mais uma vez chamo a atenção dos nossos antropologos, que ai encontrariam elementos para a solução de vários problemas (cruzamentos, transmissão de caracteres, etc.); esse estudo devia estender-se ao das localidades para onde os Pretos ou Mulatos do Sado têm emigrado. Pena é que não se descobrisse ainda algum documento que nos esclarecesse acêrca da data em que na Ribeira do Sado se fixou a raça africana («raça negra»), cujos descendentes estão diante de nós.

J. L. DE V.

Capador

Na fig. 60 (desenho do S.or G. Filipe, Coimbra) vê-se um *capador* que toca a «flauta de Pan». A respeito d'esta «flauta» vid. *Hist. do Museu Etnologico,* p. 244 e nota (e fig. 165 da p. 409).

[1] *Sadête,* fórma criada pela rima, que fica, ainda assim, imperfeita.

[2] Ermida da Carvalheira, onde está a imagem do Senhor dos Martires (concelho de Alcacer).

[3] *Ribeira,* isto é, *Ribeira do Sado:* é o nome que em Alcacer se dá ás terras de semeadura das duas margens do Sado. A Ribeira do Sado constitue pois uma divisão natural, ou região secundaria, da Estremadura Transtagana. Coligi a proposito muitas cantigas curiosas:

Ribeira do Sado	*Toda ela é minha*

de tal a tal (mas da localidade). Não é agora ocasião de as publicar.

O capador anuncia-se á entrada das povoações rurais com a modulação prolongada e repetida da «flauta», propriamente chamada *gaita de capador,* que ele toca levando-a da esquerda da bôca para a direita, e seguidamente da direita para a esquerda. Logo que o som se ouve, as molheres acodem pressurosas, e chamam-no para junto das porcas que devem ser capadas; ao mesmo tempo vêem-se as crianças (rapazinhos e meninas) fugirem para todos os lados, transidas do terror que o estranho lhes causa, pois a cada passo as mães as ameaçam com o capador, como com o Papão. O operador

Fig. 60

trabalha, isto é, *capa* ou castra, pondo o pé no pescoço da porca, que está deitada no chão, com as pernas seguras por outros: consiste a operação no arrancamento ou extracção das *rugas* (ovários), para a porca poder engordar melhor, impossibilitada, como fica, de criar.

É claro que o capador, além de capar ou castrar as porcas, castra outros animais: os próprios machos d'elas quando velhos, etc. Os porquinhos pequenos são em geral capados (pelo menos na Beira) pelos donos, ou por curiosos, não se tornando pois necessaria aqui a presença da sinistra e imponente pessoa de que estou falando.

Um individuo da Beira Baixa informou-me que nessa provincia, pelos meados do sec. XIX, os capadores ėram franceses, e que ti-

nham uns uma área de trabalho, por exemplo, a Beira, outros outra, por exemplo, a vizinha provincia do Alentejo. Um amigo meu da Beira Alta informou-me que por esse tempo tambem lá havia um capador francês. A respeito das demais provincias não tenho presentemente informações.

Na primorosa figura a que estas linhas servem de comentario, o capador, de jaqueta, manta ao ombro, encostado a um bordão, e grande chapeu na cabeça, o qual o defende do sol nas ambulações, passa pelos labios com a mão direita a «flauta», que pela sua fórma tanto se aproxima da *syrinx* greco-romana, e tambem tem hoje paralelos em vários paises. A gaita chamada na Extremadura *apito* o hespanhol *pito* (cf. o ditado: em quanto se capa, não se assobia). denomina-a Bluteau no *Vocabulario* «capador», e diz: «instrumento portatil de varios canos em diminuição, que se tange correndo pela bôca, e se chama *capador*, porque o costumam tanger aqueles que vem ás vilas a capar porcos». O capador, se anda muitas vezes a pé, como do desenho do S.or Filipe se deduz, e eu assim os tenho visto, anda tambem não raro a cavalo.

J. L. de V.

Francisco Rolland

É conhecidamente Francisco Rolland autor de um livro de *Adagios*, impresso a primeira vez em 1780: vid. Innocencio, *Dicc. Bibliog.*, s. v.; e os meus *Ensaios Ethnog.*, I, 156–158.

Francisco Rolland nasceu em França, em Saint-Antoine de Vallouise (Briançon), e estabeleceu-se em Lisboa, como livreiro-editor, no sec. XVIII. Outros livreiros franceses teve Portugal pelo mesmo tempo: Bertrand, Borel, Martin, Orcel, ainda hoje em parte representados por sucessores. No navio em que veio Rolland vinha para o reino uma senhora, de uns 15 anos, chamada Maria Catarina van Bockstail, Polaca de nação (talvez porém de origem holandesa), filha de um emigrado. Rolland, que em idade se lhe avantajava apenas num lustro, conheceu-a, e depois casou com ela, de quem teve varios filhos.

Havendo-me eu, após a publicação dos *Ensaios*, relacionado em Lisboa, por intermédio do meu chorado Mestre e amigo o S.or Epiphanio Dias, com umas senhoras descendentes de Rolland, obtive d'elas notícia das poucas particularidades biograficas que aqui publico, e autorização para reproduzir na est. IV um retrato d'este, a

oleo, que as mesmas senhoras possuem (fotografia do D.or Joaquim Fontes) e um autografo, que igualmente lhes pertence, e no qual se faz referencia ao tomo II do *Thesouro de prègadores*, do Bispo do Maranhão, D. Frei Antonio de Padua. Por descargo de consciencia devo acrescentar que ao autografo se segue no mesmo papel outro documento em que o Procurador Geral da Provincia da Arrabida diz que recebeu a quantia que Rolland no documento se obrigára a pagar (não vale a pena copiar o recibo).

J. L. DE V.

Os pinhões na Etnografia

Creio que é na Estremadura e ao Sul do Tejo que a *Pinus Pinea* dos botanicos, ou pinheiro manso, mais abunda. Quanto á denominação, direi que em algumas localidades (Ilhavo, Avis, Ponte de Sor) se diz *pinheira:* em Sesimbra esta denominação convem unicamente ao pinheiro manso quando ainda pequeno. *Pinheira,* como substantivo, parece ter tido outr'ora extensão maior, pois aparece na toponimia do Minho, do Algarve, da Estremadura Cistagana. Em casos porém como *casal da Pinheira, quinta da Pinheira,* que se lêem em diccionarios geograficos, não póde facilmente decidir-se se *Pinheira* designou originariamente a arvore, ou não passa de mero apelido de molher, como feminino do *Pinheiro,* vulgar apelido de homem[1]. A semente do pinheiro manso chama-se vulgarmente *pinhão,* que pode ser *durazio* (de tegumento ou casca dura), e *molar* (de tegumento ou casca branda).

A colheita dos pinhões varía com as terras, e com a importancia dos pinheiros, segundo ha mais ou menos. No distrito de Leiria, por exemplo, os pinhões constituem apreciavel fonte de receita. Vou indicar os diversos actos na sua colheita e preparo.

Quando as pinhas estão criadas ou maduras, *derribam-nas* ou *derrubam-nas: derribar* ou *derrubar* as pinhas é fazê-las cair por

[1] Já noutro lugar me referi a este costume de dar feminino a sobrenomes e apelidos, originariamente masculinos: vid. *O Arch. Port.*, XXI, 170, nota, onde citei exemplos do sec. XVI. Nos Livros de linhagens não faltam testemunhos mais antigos (sec. XIV e XIII–XIV), como *Brava, Coelha, Gata, Giroa.* Modernamente a cada passo ouvimos: Maria *Moirôa* (filha de um *Moirão*), Mariana *Pimpona* (descendente de um *Pimpão*), e congeneres. O S.or J. J. Nunes, na sua copiosa *Gramatica Historica,* ao tratar do genero (secção II, cap. 9), não fala d'isto. O costume existe tambem em galego: Maria *Brava,* Isabel *Feijoa*, etc., sec. XIII, XVI e XVII, no *Bolet. de la Academia Gallega*, I, 7–8 (artigo de Murguia).

intermedio de um gancho, que se adaptou á extremidade de uma vara. Quem faz a operação (o *derrubador das pinhas*), sobe á arvore, segurando-se na propria vara, depois de fixa numa pernada: é de cima da arvore que as pinhas se *derribam* ou *derrubam*. Os *derrubadores*, ao mesmo tempo que *derrubam* as pinhas, *derrubam* lenha (ramagem dos pinheiros) e *esgalham* as pernadas. Para tudo isto levam consigo uma *machadinha de mão*, à cinta.

Derribadas ou caidas as pinhas no chão, transportam-nas para casa em *poceiros* ou cestos de vime (*poceiro* é o mesmo que no Norte e na Beira chamam *cesto vindimo*), se são em pouca quantidade, ou em carros, se são em quantidade grande[1].

Em seguida são *esquentadas* numa fogueira, feita no *patio* ou na eira, e *esbòchadas*, com uma pedra ou uma marreta: *esbòchar* quer dizer «extrair os pinhões». A êste acto chamam *desbócha* (não *esbócha*, como seria mais natural).

Os pinhões, depois de separados das escamas, ficam num montão, e são limpos das impurezas que os acompanham (pedaços de cascas, etc.), e medidos ao *alqueire* ou seus submultiplos (*quarta* e *oitava*).

Nesta altura do trabalho os pinhões podem ter dois destinos: serem *torrados* no forno, com a propria casca; ou serem *britados*.

Quando torrados com a casca, forma-se neles uma greta, e aí se introduz um canivete, a fim de acabar de abrir a casca, e se extrair a amendoa, para se comer. Pelo Natal, Ano-Bom e Reis é costume as familias tê-los em casa em pratos, para comerem, ou para oferecerem a visitas: neste último caso, vão-nos descascando e comendo, à medida da conversa. Também é costume os rapazes trazê-los nó bolso, donde os vão descascando e comendo pelo dia adiante. Estes costumes estão tão generalizados, que, por ocasião das referidas festas, não ha ninguem que não procure arranjar pinhões. As familias pobres até permitem que os seus filhos (rapazes) vão algumas semanas antes do Natal *ao rabisco*, quer dos pinhões que os derrubadores por acaso deixaram de derrubar, quer dos pinheiros que, por terem produzido pouco, ou estarem insulados, não valeu a pena derrubar em fórma.

Passemos agora á *britada*. Esta ou é feita por conta do dono dos pinhões, ou, o que é mais geral, por conta de quem os compra para negócio.

---

[1] Os carros podem ir armados de *taipais*, ou de *sebes* de vime, ou simplesmente com *fugueiros* (fociros). Neste último caso fazem uma *carrada* de *ramada* (ramagem), deixando no centro uma cavidade, onde as pinhas se lançam.

Juntam-se á noite, em serão, na cozinha ou na *casa de fóra,* várias raparigas do campo, cada uma das quais segura no regaço, com a mão esquerda, uma pedra arredondada e achatada, e tem na direita outra menor: na primeira pedra, disposta horizontalmente, apoia os pinhões, um por um, a pino, e com a outra, que serve de martelo,

Fig. 61

brita-os, isto é, descasca-os. A pedra maior chama-se *calço*, a menor chama-se *britadeira*. São objectos de caracter prehistorico!

Na fig. 61 representa-se, segundo uma fotografia tirada pelo meu antigo aluno universitário D.or Manuel Heleno, uma britada: raparigas de chapelinho sentadas, e junto d'elas dois tocadores, e três namorados. Nas figs. 62 e 63 representa-se, segundo desenhos do S.or Francisco Valença, um *calço*, de 0m,11 de largura e 0m,08 de altura, e uma *britadeira*, de 0m,07 de largura, e 0m,04 de altura.

Não raro na *britada* se cantam cantigas, como:

Se me quer's ouvir cantar,
Madrugadas e serões,
Vai ao lugar dos Barreiros[1]
Á *britada* dos pinhões.

Acabemos, acabemos,
Venha de morrer agora!
Vamos a *britar*, pinhões
Para nos irmos embora.

---

[1] Lugar da freguesia de Amor, perto de Leiria, conhecido ao longe pela grande quantidade de pinheiros que lá ha.

De ordinário o trabalho termina por dança.

Tudo o que até aqui fica dito do distrito de Leiria refere-se a Monte-Real e baseia-se em informações do D.or Manoel Heleno, a quem já acima me referi.

Noutras terras, onde os pinhões não têm tanta importancia comercial, vogam costumes mais simples. No Cadaval, por exemplo,

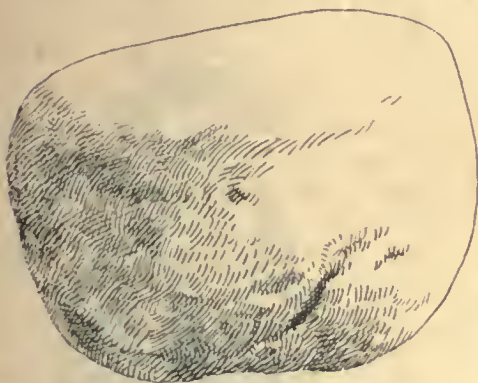
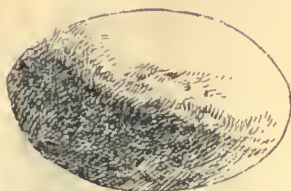



Fig. 62 Fig. 63

os homens e rapazes sobem aos pinheiros, *engatinhando*, e é com as mãos que apanham as pinhas e as deitam ao chão; sómente, se as pinhas estão fóra do alcance da mão, as batem com uns paus que já levam consigo para isto.

Quando está caido certo número de pinhas no chão, forma-se com elas uma roda, e deita-se-lhes por cima lenha (tojo, urzos e *scama*), a que se lança fogo. Chama-se a isto uma *assada*. O fogo mantem-se por espaço de uma hora. Em seguida britam-se as pinhas com uma pedra ou com um martelo, e assim se extraem os pinhões.

*

Os pinhões, depois de britados, podem tambem ser torrados, ou em monte, ou enfiados em linhas brandas (neste último caso mais levemente torrados): levam-nos ao fôrno em latas, ou colocam-nos no proprio lar do fôrno, após a cozedura da broa. Os pinhões enfiados em linhas chamam-se mesmo *enfiadas*, e vendem-se de terra em terra, pelas portas, ou em arraiais de festas. Nas festas os rapazes fazem momentaneamente com as *enfiadas* correntes de relógio, e as raparigas colocam-nas ao pescoço em guisa de cordões ou colares: depois uns e outros levam estes objectos para casa, e comem-nos, ou oferecem-nos a pessoas amigas.—Uma das festas em que

mais pinhões se vendem é a de S. Amaro, na freguesia do Soito da Carvalhosa: o Santo venera-se em uma capela.

A venda das enfiadas está a cargo de molheres, que se denominam *pinhoeiras* (Leiria). Na fig. 64 reproduz-se uma litografia, n.º 39 da colecção de Palhares (cf. supra, p. 23), e na fig. 65 a estampa 17.ª do fasciculo 3.º da colecção intitulado *Ruas de Lisboa*[1], em ambas as quais se vêem molheres que vendem pinhões, uma até especificada

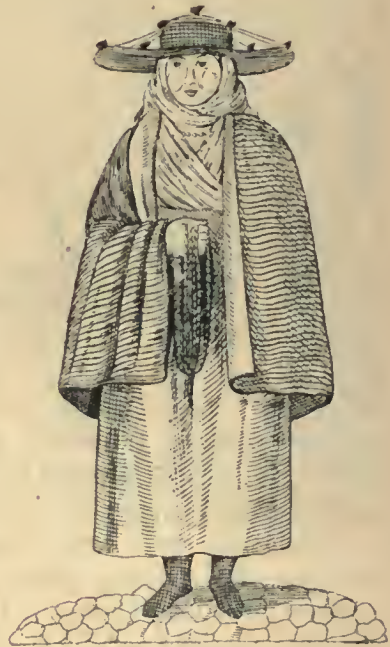



Fig. 64 Fig. 65

como de «Leiria». As estampas datam dos meados do sec. XIX, e são coloridas, mas, para maior facilidade da reprodução, faz-se aqui esta sem as côres originais. Em Monte Real são ás vezes as proprias *pinhoeiras* quem *desbocha* em casa do dono. Quando compram os pinhões, é já com esta condição. O dono aproveita assim os residuos (*cascos* ou pinhas) para queimar.

---

[1] Este fasciculo, bem como alguns outros exemplares de estampas etnograficas que possuo do mesmo genero, devo-os ao obsequio do meu amigo o S.or Antonio Victorino Ribeiro, a quem por serviços analogos já me referi noutros trabalhos: *De Campolide a Melrose*, pp. 121(-122), nota 1; *Da Numismatica em Portugal*, p. 104, nota 1, e p. 150, nota 1.

Os pinhões torrados sem casca ou sem serem enfiados costumam vender-se já simples, já de mistura com passas de uvas, num caso ou noutro em cabazinhos, que se denominam *medidas* (*medida* de pataco, de meio-tostão, etc.: outr'ora!).

*

Independentemente de servirem para se comerem, os pinhões servem tambem para jôgo de rapazes. Ha várias especies de jogos: ao *par & nunes* (*nones*) ou *par & pernão*, ao *rapa*, ao *palmo*, á *barroca*, á *parede*. Na fig. 66 reproduz-se, tambem segundo um desenho do S.or Francisco Valença, um *rapa* de pau do Museu Etnologico: especie de piãozinho, de secção quadrada, o qual tem em cada face uma letra que significa respectivamente R(apa), d'onde o nome do objecto, T(ira), D(eixa), P(õe); joga-se, torcendo entre o dedo *pollex* e o *index* ou o *maximus* o eixo superior do *rapa*[1].

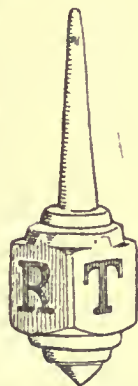



Fig. 66

Brinquedos d'estes se encontram noutros paises. Em França, por exemplo, uma das espécies do *toton* tem em cada uma das quatro faces respectivamente A(*ccipe*), D(*a*), R(*ien*), T(*otum*), e o nome *toton* veio-lhe de T(*otum*), como ao nosso jogo veio de R(*apa*). Em Italia corresponde-lhe o *girlo* «sorte di dado segnato con lettere su i quattro lati, con una punta o perniuzzo in mezzo per farlo *girare*»: a palavra não se encontra no Dicionario da Crusca, mas trá-la o italiano-francês de Barberi, Paris 1884. O rapa chama-se em hespanhol *perinola:* «el cuerpo de este juguete es á veces un prisma de cuatro caras marcadas con letras, y sirve entonces para jugar á interés», diz o *Dicionario de la leng. castell.*, publicado pela Academia. Quanto á Alemanha devo ao S.or D.or Johannes Bolte o conhecimento de um livro de F. M. Böhme, Leipzig 1897, intitulado *Deutsches Kinderlied und Kinderspiel,* onde a p. 643, § 554, se desenha um brinquedo (*Kreisel*) análogo ao nosso rapa; tem quatro faces, em

[1] Os verbos *tirar* e *pôr*, que aqui aparecem, usam-se juntos, em várias frases, por causa do sentido antitético que têm: *donde tirão e não põem, cedo chegão ao fundo* (em Bluteau, *Vocab.*, VIII, 176), ou, com fórma moderna, *d'onde se tira e não se põe, falta faz* (Algarve); *sem tirar nem pôr,* por «exactamente»; o que no citado Bluteau se diz *eu não tiro nem ponho* («he modo de falar proverbial», acrescenta ele).

cada uma das quais se figura respectivamente uma das seguintes letras: A=gewinnt *Alles* (ganha *tudo*), H=Halb gewonnen (ganhada só *metade*), O=*Nichts* (nada, ou zero), S=*Setzen* (isto é, o que joga tem de acrescentar alguma cousa, ou *pôr*),—e joga-se pelo Natal a nozes, ou, na sua falta, a feijões. Vid. um desenho na fig. 67. O proprio S.or Prof. Bolte reproduz na *Zs. der V. f. Volkskunde*, XIX, 403, n.º 30, uma notícia d'este jôgo no sec. XVII (*Spielhöltzlein*, com as palavras latinas *Omnia, Nihil, Pone, Trahe*), e junta em nota valiosas indicações bibliográficas. Tambem na Boemia, segundo informação do S.or Prof. Zũbati, da Universidade txeque (ou cheque) de Praga, se usava ainda nos fins do sec. XIX e começos do XX (hoje parece que já não) um brinquedo constante de uma especie de pião de seis faces, denominado *čamburina*, fig. 68, o qual se jogava a dinheiro nas festas religiosas: cada face tinha um número representado por pontos, e os jogadores eram seis: cada um apostava que, deitando o pião com os dedos, ficaria ao de cima certo número: se ficava, recebia quintuplicado o preço da aposta (isto é, recebia os cinco valores postos pelos restantes): por exemplo, se cada um dos jogadores havia posto uma coroa, o que ganhava recebia cinco.—Já os Etruscos e os Romanos tinham dados ou tesseras, de jogar, com numeros e letras, os quais podiam ao mesmo tempo servir para adivinhações e sortilegios: vid. *Dict. des antiq. gr. et rom.*, s. vv. «tessera» e «turben» («turbo»).

Fig. 67 Fig. 68

J. L. DE V.

Berços infantis

Usam-se entre nós muitas especies de berços, geralmente de pau, mas ás vezes de cortiça; também póde servir de berço uma canastra: vid. alguns desenhos na *Rev. Lusit.*, X, 14–16: são berços, pelo menos três, de gente pobre, e por isso modestos; só um é mais apurado. Ha porém berços muito ricos. Uma cantiga do Natal diz:

Filhos d'homem rico
Em *berço doirado:*
Só vós, meu Menino[1],
Em palhas deitado[2].

[1] O Menino Jesus.

[2] *Revista de Ethnologia*, de Adolpho Coelho, p. 33.

De facto está, por exemplo, um berço com doirados, no Palacio Nacional de Quèluz, berço em que dormiram alguns principes portugueses: vid. fig. 69 (desenho de Francisco Valença). No Nordiska Museet de Estocolmo, ou «Museu do Norte», admiram-se tambem os de Carlos XII, rei da Suecia, que nasceu em 1682, e de Gustavo Adolfo IV, que nasceu em 1778: berços doirados e artisticos. De outro berço principesco com doirados, onde

Fig. 69

dormiram todos os filhos da Rainha Vitoria de Inglaterra, berço feito em 1840 para a que depois foi Imperatriz Frederico, da Alemanha, se fala na revista intitulada *Zur guten Stunde,* XIV (1894), p. 28-B, num artigo que se denomina «Eine fürstliche Wiege». Não de berço doirado, mas de um rico berço de pau preto, de estilo do sec. XVIII, pertencente á familia dos Sepulvedas, de Bragança, dá-se uma reprodução na est. V, segundo uma fotografia.

J. L. de V.

OBSERVAÇÃO FINAL

A figura emblematica que exorna o frontispicio d'este *Boletim* reproduz um famoso quadro de um dos consagrados mestres da pintura portuguesa o S.or José Malhôa; o cabeçalho da «Advertencia preliminar» (composto á vista de coisas tipicas da nossa Etnografia) e a letra capitular (tipo de lenço provinciano) devem-se à inteligencia do S.or Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico, que para a sua execução se inspirou em objectos existentes no mesmo Museu (1920).

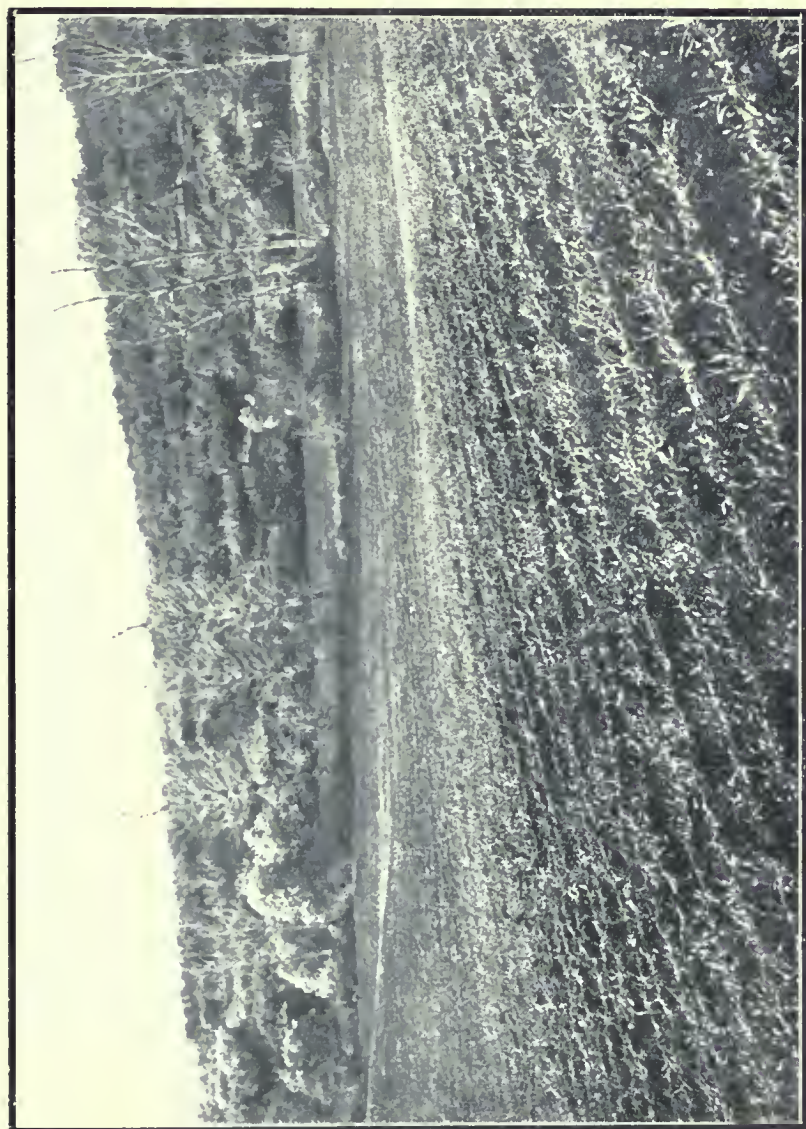
J. L. DE V.

ÍNDICE

Além do emblema do frontispicio, do ornato do cabeçalho, e da letra floreada que inicia o texto, ha neste 1.º numero do *Boletim* 69 figuras, e VI estampas.

Adelino das Neves

Rancho na monda do sargaço

ESTAMPA IV

Campo de trigo

Francisco Rolland

Amostra de autografo:

Devo à Provincia de S. Maria da Arrabida a quantia de
Sincoenta mil reis, preço porque ajustei o manuscripto do Segundo tomo
do Livro intitulado Thesouro de Pregadores, composto pelo R. P. M. Fr.
Antonio de Padua, Religioso da mesma Provincia, do que eu me
utilizei, e mandei imprimir; e me obrigo à pagar a dita quantia
de ajuste no prefixo termo de cinco Mezes contados da data desta obri-
gação, e passado o dito termo, poderá a dita Provincia por seu Ex.mo
Syndico Geral pôr esta obrigação em juizo contra mim para a haver,
para o que obrigo meus bens, e pessoa. Lisboa, 10 de Jan.ro de 1778.

Franc.co Rolland

A quantia a que aqui se faz referencia foi paga pelo signatario: vid. p. 44.

ESTAMPA VI

Um berço infantil